

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

A CERÂMICA DA CITÂNIA DE BRITEIROS. UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE CONTACTO LUSITANO-ROMANO.

ALBUQUERQUE, Marcos

Ano: 1970 | Número: 80

Como citar este documento:

ALBUQUERQUE, Marcos, A Cerâmica da Citânia de Briteiros. Um sítio arqueológico de contacto lusitano-romano. *Revista de Guimarães*, 80 (1-2) Jan.-Jun. 1970, p. 105-122.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A cerâmica da Citânia de Briteiros

Um sítio arqueológico de contacto lusitano-romano

Pelo Dr. MARCOS ALBUQUERQUE
Prof. da Universidade Federal de Pernambuco

INTRODUÇÃO. É bastante característica, em Portugal, a existência de ruínas pertencentes a antigas povoações fortificadas provávelmente do século IV ou III a. C. Nestas povoações, as construções, tanto de casas como de muralhas ou monumentos funerários, eram feitas de pedra, blocos sobrepostos, de matéria prima quase sempre ecológica.

São conhecidas, estas povoações, pela designação de «Citânias» e «Castros». Há algumas vezes uma certa controvérsia entre alguns autores com relação a terminologia: «Inclinámo-nos antes a crer que, de um modo geral, todos os castros eram núcleos de povoação permanente, fortificados, simplesmente uns mais pequenos e pobres do que outros a que certos autores pretendem dar exclusivamente o nome de citânias» (1).

Tendo os Romanos invadido a Península, consequentemente entraram em contacto com as populações dos castros. Estas que na sua maioria viviam isoladamente, isto é, «...não mantinham entre si o menor laço de unidade política e administrativa que os conduzisse a uma noção de pátria comum» (2). Com a invasão romana sentiram então, os habitantes dos castros, a

(1) CARDOZO, Mário — *Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso* — Guimarães, 1965, p. 11.

(2) CARDOZO, Mário — *Os Lusitanos* — Lisboa, 1968, p. 162 dos «Anais da Acad. Port. da História», vol. 17.

necessidade de se juntarem para se defenderem do inimigo comum, dando «...deste modo os Romanos o primeiro passo para a aglutinação destas tribos, até então desagregadas e autónomas, isoladas em seus castros» (3).

Devem os Romanos, através dos seus contactos com a tradição castreja, ter influenciado fortemente os hábitos sociais e a técnica de manufactura de muitos artefactos elaborados pelo agrupamento indígena.

Há portanto uma indispensável necessidade da realização de um estudo sistemático de todo o material destes castros, para, além de outros dados, conseguirmos informações acerca do tipo de contacto realizado por estes dois grupos — Lusitanos e Romanos. É necessário, portanto, o estudo de seriações tipológicas relativas aos castros.

Neste trabalho estudaremos apenas a cerâmica proveniente da Citânia de Briteiros, portanto é este trabalho resultado de uma tentativa de estabelecimento de uma tipologia para a cerâmica deste Sítio arqueológico.

A análise da cerâmica foi realizada nas dependências do Museu da Sociedade Martins Sarmento em Guimarães. É esta Sociedade responsável pelas pesquisas e pela conservação da Citânia de Briteiros e do Castro de Sabroso. O material estudado é, portanto, resultante das pesquisas realizadas pela referida Sociedade, e se encontra nos depósitos da Instituição. Possui esta Sociedade um Museu bastante representativo dos diversos períodos arqueológicos da região, fornecendo sem dúvida, ao arqueólogo que não esteja familiarizado com as culturas regionais, uma visão bastante ampla do complexo arqueológico do Norte de Portugal.

Agradecemos nos ter sido franqueado o material para estudo, além das atenções que nos foram dispensadas pelo Presidente da Sociedade Martins Sarmento, Senhor Mário Cardozo.

Foi este trabalho realizado, graças a uma bolsa de estudo concedida pela Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal, através do Instituto de Alta Cultura, ao qual manifestamos a nossa gratidão.

(3) CARDOZO, Mário — *Os Lusitanos*, cit., p. 165.

I — A CERÂMICA

A cerâmica procedente deste Sítio arqueológico não foi recolhida estratigráficamente. O material de que nos servimos é resultante de aquisições fortuitas e encontra-se guardado no depósito de duplicados, fora da ordenação museológica do que está exposto nas vitrinas do Museu.

Devemos salientar que a tentativa de estabelecimento de uma tipologia para esta cerâmica é bastante precária. Entretanto, como, ao que nos consta, nada semelhante tem sido feito, aventurámo-nos a realizar esta tentativa, prevendo que este material de depósito seja suficientemente significativo. Mesmo que não, admitimos pelo menos que ele nos dará uma visão, ainda que parcial, do complexo cerâmico encontrado na Citânia de Briteiros.

Mário Cardozo no seu trabalho «Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso» já salienta a necessidade de um estudo sistemático da cerâmica da Citânia: «A cerâmica citaniense, cujo estudo sistemático está ainda por fazer, quer o das suas formas e perfis, quer o de seus variados temas ornamentais, quer o da técnica do fabrico e natureza das pastas empregadas, demanda um trabalho especial...» (4).

Foi dividida a cerâmica deste Sítio em duas grandes categorias segundo as técnicas de manufactura — torneada e modelada. Inicialmente estudamos a cerâmica modelada e a seguir a torneada.

Dividimos a cerâmica modelada em três tipos básicos, aos quais damos os nomes de *tipo Aveleda*, *tipo Ave* e *tipo Vizela*. A cerâmica torneada, que dividimos em quatro tipos básicos, demos os nomes de *tipo Fêbros*, *tipo Taipas*, *tipo Minho* e *tipo Tâmega* (5).

Foi estudado um total de 415 fragmentos de cerâmica, compreendendo os diversos *tipos* que formam o complexo cerâmico deste Sítio.

Foi utilizado o *Método Ford*, com algumas adaptações, na análise da cerâmica deste Sítio.

(4) CARDOZO, Mário — *Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso*, cit., p. 46.

(5) Estes nomes não significam procedência local de tipos específicos, e apenas foram empregados com o intuito de darmos uma designação meramente distintiva a cada grupo tipológico.

A) *Cerâmica modelada*

TIPO AVELEDA

1) *PASTA*

Método de manufactura: Modelada.

Anti-plástico: Areia grossa, grãos de aproximadamente 4 mm de diâmetro.

Textura: De um modo geral há uma boa distribuição do anti-plástico nos fragmentos deste tipo. São, na sua maioria, compactos e não apresentam fractura regular.

Queima: Há geralmente uma boa queima, embora apareçam alguns fragmentos onde se nota queima deficiente.

Núcleo: Na grande maioria são de cor castanha escura, tendendo a preto. Em alguns casos se vão tornando sensivelmente mais claros no sentido da superfície. Há outros casos, estes bem mais raros, em que o núcleo se apresenta de cor castanho-avermelhado quase que do tom da superfície.

2) *SUPERFÍCIE*

Côr: Predomina o castanho escuro embora apareçam alguns fragmentos castanho-avermelhados.

Tratamento: Os cacos são alisados. Alguns chegam a ser mal alisados. Entretanto, na sua maioria, são razoavelmente bem alisados.

Dureza: 3-4 (*Mobs*).

3) *FORMA:* 2-3-4-5-6. (*Vide Gráfico 5*).

- 4) *BORDAS*: Simples, reforçadas interna e externamente, directas, introvertidas e extrovertidas.
- 5) *ESPESSURA*: Na base varia em torno de 16 mm e no bojo em torno de 5-7 mm.
- 6) *DECORAÇÃO*: Plástica, incisa.

TIPO AVE

1) *PASTA*

Método de manufactura: Modelada.

Anti-plástico: Areia fina, grãos de aproximadamente 1,5 mm de diâmetro.

Textura: Há uma boa distribuição do anti-plástico. Os cacos deste tipo são em geral mais compactos que os do tipo *Aveleda*. Não há fractura regular.

Queima: Há, de um modo geral, uma boa queima. Entretanto existem casos em que se nota uma diferença bastante nítida entre o cozimento da superfície interior e o da superfície exterior, sendo que esta última se apresenta com muito melhor cozimento.

Núcleo: De côr castanho escuro tendendo a preto. Em alguns casos se apresenta de tonalidade quase idêntica à da superfície.

2) *SUPERFÍCIE*

Côr: Predomina o castanho-avermelhado escuro.

Tratamento: De um modo geral são bem aliados os cacos deste tipo. Alguns atingem quase o polimento.

Dureza: 4, 5 (*Mohs*).

- 3) *FORMAS*: 3-5-7. (*Vide Gráfico 5*).
- 4) *BORDAS*: Simples, reforçadas interna e externamente, extrovertidas. Apenas um caso de introversão.
- 5) *ESPESSURA*: Varia entre 5 mm e 10 mm, bojo e base respectivamente.
- 6) *DECORAÇÃO*: Plástica, incisa.

TIPO VIZELA

1) *PASTA*

Método de manufactura: Modelada.

Anti-plástico: Areia e Mica.

Textura: De um modo geral são os cacos deste tipo compactos, embora apareçam alguns friáveis.

Queima: Geralmente há uma boa queima, embora algumas vezes apareçam alguns cacos mal queimados (friáveis).

Núcleo: Varia do castanho escuro ao quase preto, tendo o castanho avermelhado como tom intermediário.

2) *SUPERFÍCIE*

Côr: castanho escuro, havendo alguns cacos castanho avermelhado.

Tratamento: De um modo geral alisado, havendo alguns cacos bem alisados, quase polidos.

Dureza: 3-4 (*Mohs*).

- 3) *FORMA*: 3 e 7. (*Vide Gráfico 5*).
- 4) *BORDAS*: Expandidas, reforçadas, extrovertidas.

- 5) *ESPESSURA*: Variando em torno de 6 mm no bojo e de 10 mm na base.
- 6) *DECORAÇÃO*: Quase todos os fragmentos são simples, havendo apenas um que apresenta decoração plástica, incisa.

B) *Cerâmica torneada*

TIPO FÊBROS

1) *PASTA*

Método de manufactura: Torneada.

Anti-plástico: Areia grossa. Grãos de aproximadamente 5 mm de diâmetro.

Textura: Normalmente os cacos deste tipo se apresentam compactos. Em geral há uma boa distribuição do anti-plástico.

Queima: Há geralmente uma boa queima.

Núcleo: De um modo geral o núcleo da cerâmica deste tipo é quase que da mesma cor da superfície; alguns, entretanto, se apresentam de tonalidade castanho escuro e se tornam geralmente mais claros no sentido da superfície externa.

2) *SUPERFÍCIE*

Côr: De um modo geral tende ao castanho avermelhado.

Tratamento: Os cacos são, de uma maneira geral, alisados.

Dureza: 4 (*Mohs*).

- 3) *FORMAS*: Não aparecem bordas neste tipo (na cerâmica estudada).

- 4) *BORDAS*: Não apareceram.
- 5) *ESPESSURA*: Varia entre 10 mm e 17 mm.
- 6) *DECORAÇÃO*: Os cacos da colecção estudada não apresentam decoração.

TIPO TAIPAS

1) *PASTA*

Método de manufactura: Torneada.

Anti-plástico: Areia fina, grãos de aproximadamente 1 mm de diâmetro.

Textura: De um modo geral são os cacos deste tipo de textura compacta e há geralmente uma boa distribuição do anti-plástico.

Queima: Na maioria dos casos há uma boa queima. Aparecem, no entanto, alguns que apresentam uma queima irregular.

Núcleo: Castanho escuro, tendendo a claro no sentido da superfície externa. Aparecem muitos casos onde o núcleo se apresenta quase que do mesmo tom da superfície.

2) *SUPERFÍCIE*

Côr: Castanho escuro e castanho avermelhado claro.

Tratamento: Varia entre o simplesmente alisado e o bem alisado. Notam-se, algumas vezes, as estrias de alisamento.

Dureza: 3-4 (*Mohs*).

3) *FORMA*: 2-3-5-8-10-11-12-13-14. (*Vide Gráfico 6*).

4) *BORDAS*: Simples, reforçada, externamente, expandida, extrovertida.

- 5) *ESPESSURA*: Varia entre 17 mm na base e 10 mm no bojo.
- 6) *DECORAÇÃO*: Aparece a decoração plástica, incisa, e o engobo vermelho.

TIPO MINHO

1) *PASTA*

Método de manufactura: Torneada.

Anti-plástico: Areia e mica (grãos de areia associados a lamínulas de mica, normalmente muscovita, aparecendo também a biotita).

Textura: São os cacos deste tipo mais friáveis que os do tipo *Taipas*. Há uma distribuição razoável do anti-plástico.

Queima: De um modo geral há uma boa queima, entretanto algumas vezes aparecem cacos onde se nota uma diferença de cozimento entre a superfície interna e a externa.

Núcleo: Predomina o castanho escuro, tendendo a preto em alguns casos. Aparecem núcleos quase que da mesma cor da superfície.

2) *SUPERFÍCIE*

Côr: Predomina o castanho avermelhado escuro.

Tratamento: De um modo geral são os cacos simplesmente alisados. Nota-se, algumas vezes, as estrias de alisamento.

Dureza: 3 (*Mohs*).

- 3) *FORMA*: 2-3-5-7-9-10-12-14. (*Vide Gráfico 6*).

- 4) *BORDAS*: Simples, reforçadas externamente, expandidas, extrovertidas.
- 5) *ESPESSURA*: Varia entre 17 mm na base e 7 mm no bojo.
- 6) *DECORAÇÃO*: Plástica, incisa. Aparece apenas um fragmento com engobo vermelho.

TIPO TÂMEGA

1) *PASTA*

Método de manufactura: Torneada.

Anti-plástico: Argila pura. Algumas vezes aparecem, associados à pasta, minúsculos grãos de areia, porém são raros.

Textura: São muito compactos os cacos deste tipo.

Queima: Muito boa.

Núcleo: Ligeiramente avermelhados.

2) *SUPERFÍCIE*

Côr: Avermelhada.

Tratamento: Depois de bem alisadas, ou algumas vezes polidas, as vasilhas recebem uma camada de engobo vermelho.

Dureza: 4 (*Mohs*).

- 3) *FORMAS*: 1-3-8. (*Vide Gráfico 6*).
- 4) *BORDAS*: Simples, reforçadas externamente, extrovertidas.
- 5) *ESPESSURA*: Varia em torno de 4 mm e 5 mm, base e bojo respectivamente.
- 6) *DECORAÇÃO*: Plástica, incisa, sobre o engobo vermelho.

II — OBSERVAÇÕES E CONCLUSÕES

É a Citânia de Briteiros um Sítio arqueológico essencialmente de contacto, principalmente entre Lusitanos e Romanos. O choque destas duas culturas deve ter provocado desagregamento em alguns dos padrões culturais de ambos, especialmente do economicamente mais fraco, no caso presente os Lusitanos.

Ao analisarmos, por exemplo, a cerâmica deste Sítio arqueológico, pode-se observar que muitas modificações se fizeram sentir no decorrer do contacto. Considerando, no entanto, que o material utilizado para análise, foi material de depósito, recolhido em conjunto, não houve possibilidade, por conseguinte, de salientarmos as diversas etapas do contacto.

Foi a cerâmica dividida, como já dissemos, em duas grandes categorias segundo a técnica de manufactura; a *modelada* e a *torneada*. A cerâmica modelada, a mais primitiva, deve corresponder ao período em que o grupo da Citânia ainda não tinha entrado em contacto com os Romanos. Só mais tarde a cerâmica *torneada* seria introduzida, através desse contacto.

É evidente que a substituição brusca ou lenta de um padrão cultural decorrente de um contacto com outra cultura, está em função da qualificação do contacto, que poderá ser: militar, económico, económico-militar religioso, religioso-económico, religioso-económico-militar, etc...

Se este material analisado tivesse sido recolhido através de uma estratigrafia artificial, de níveis de aproximadamente 10 cm, poder-se-ia então obter informações mais profundas acerca do contacto. Como não nos foi possível dispôr dos dados fornecidos por qualquer estratigrafia, mesmo artificial (que aliás é a que mais se utiliza actualmente), tivemos que considerar a cerâmica *modelada* e a *torneada*, como que pertencentes a duas fases distintas, embora saibamos que estas duas cerâmicas se contemporanizaram. Evidentemente que com diferentes graus de popularidade. E seria exactamente esta diferença de popularidade estratigráfica que muito informaria sobre o contacto, (*vide Gráfico 1*).

Claro que a adopção de novos padrões de elaboração da cerâmica, deve ter sido feita de forma gradual, o que,

estatisticamente, deverá ser representado gráficamente, neste contacto, por duas pirâmides de bases inversas.

O contacto havido no Brasil entre portugueses e ameríndios, no ano de 1516, por ocasião da instalação da Feitoria de Cristóvão Jacques, que foi o primeiro contacto euro-indígena em Pernambuco, é um exemplo que serviria para ilustrar um tipo de contacto como o da Citânia de Briteiros, onde uma das culturas se apresentou economicamente mais forte do que outra. «Se confrontarmos o número de fragmentos de cerâmica indígena com o da cerâmica europeia, (*vide Gráfico 4*), pode-se observar as etapas do contacto do ameríndio com o europeu, neste Sítio. No início, isto é, nas camadas mais profundas, observa-se a predominância da cerâmica indígena sobre a europeia. Em seguida ocorre uma faixa onde parece ter havido um equilíbrio de trocas. E, finalmente, marca-se o desaparecimento gradual da cerâmica indígena, com a fixação do europeu na área» (6).

Com relação à Cultura dos Castros, ela é considerada muito uniforme. Na verdade é o que se nota através da uniformidade existente nas suas construções, quer em Briteiros, como em Sabroso, Sanfins, e tantos outros. Todavia, para se ter uma melhor visão do «modus vivendi» de seus habitantes, torna-se necessário um estudo sistemático do material arqueológico contido nestes castros, seja cerâmico, lítico, arquitectónico, de objectos de metal etc... Evidentemente que a finalidade de tal estudo não se limitará a obter apenas o conhecimento das semelhanças porventura existentes entre estes materiais. Entretanto não de ser estas semelhanças (não dizemos igualdades) que fornecerão valiosos informes sobre vários aspectos da cultura destes grupos. Que rota de emigração utilizaram para aqui chegarem os construtores destes castros, tão comuns no Norte de Portugal? Numa única época, ou em épocas sucessivas? O que mais objectivamente pudesse ser observado com relação aos castros, por exemplo, a ecologia, conseqüentemente a geografia, a hidrografia, a vegetação, as possibilidades edáfico-climáticas, a alti-

† (6) ALBUQUERQUE, Marcos — *O Sítio PE 13-LN, um Sítio de contacto inter-étnico* — Recife, 1969, p. 11.

metria, os recursos minerais, etc., poderia reflectir preferências de ordem cultural entre estes Grupos. Torna-se pois necessário um estudo sistemático, consequentemente lento, em que os resultados sejam obtidos a longo prazo e obedecendo a uma planificação geral que inclua toda a possível *área cultural* dos castros. É necessário que este estudo, embora tentando um conhecimento de maneira ampla, global, da cultura dos castros, seja constituído por estudos sistemáticos de unidades. Serão exactamente estes estudos individuais dos castros que hão de fornecer, além de outras informações, uma cronologia cultural relativa, que provávelmente poderá indicar uma rota de difusão ou de dispersão desta Cultura. Embora pareça que o material deste Sítio arqueológico é de uma grande uniformidade, cremos que deverá haver diferenças, embora pequenas em alguns casos. Estas diferenças, como já dissemos, muito poderão esclarecer-nos. A técnica de manufactura da cerâmica, os diversos tipos de tempero utilizados na pasta, as variações de formas, a elaboração de bordas e lábios, a proporção entre a cerâmica *simples* e a *decorada*, deverão variar de Sítio para Sítio, evidentemente dentro dos padrões culturais do Grupo. Isto, se considerarmos apenas o período pré-romano. Contudo, se for considerado o período da Romanização, isto é, do contacto lusitano-romano, então grandes modificações se deverão fazer sentir na cerâmica destes Grupos, como por exemplo a utilização de técnicas de manufactura diferentes das geralmente utilizadas antes do contacto, a influência da pasta, das formas, das bordas, etc...

O complexo cerâmico da Citânia de Briteiros é constituído pela cerâmica elaborada antes do contacto com os Romanos e pela cerâmica elaborada durante e após os primeiros contactos. É evidente que deverão existir, portanto, especialmente três categorias de cerâmica; a cerâmica indígena castreja, a cerâmica introduzida pelos Romanos, e a cerâmica elaborada pelo grupo, com influências técnicas da cerâmica romana. Ora, se o material que estudamos tivesse sido resultante de uma escavação estratigráfica, então seria possível identificar claramente estas três categorias de cerâmica, que determinariam as diversas fases do contacto, em função da popularidade alcançada por cada uma das categorias. Entretanto, como não nos foi possível a

realização de um estudo desta natureza, este nosso trabalho limitou-se apenas ao estudo da cerâmica de uma maneira ampla. É possível entretanto que, mesmo com tais deficiências técnicas, se consiga ter uma visualização geral da cerâmica deste Sítio. Esta visualização contribuirá pelo menos para a elaboração de uma tipologia da cerâmica castreja.

Estudada portanto, sem carácter estratigráfico, a cerâmica deste Sítio, considerámo-la, como dissemos, pertencente a dois grandes grupos, do ponto de vista da técnica de manufactura; a cerâmica *modelada* e a cerâmica *torneada*. Adoptámos para os fragmentos em que não nos foi possível estabelecer com precisão uma distinção segura da técnica da manufactura, a designação de cerâmica «*sem classificar*». Naturalmente a cerâmica *modelada* pertence ao período mais antigo, portanto pré-romano, enquanto que o uso da cerâmica *torneada* deve ter sido introduzido pelos Romanos. Muito interessante seria o estudo da interpenetração de técnicas entre estas duas cerâmicas, o que cabe aos cientistas portugueses realizar.

Observando o Gráfico 1, pode notar-se que há uma predominância da cerâmica *modelada* sobre a *torneada*, o que é natural pelo facto de a cerâmica *modelada* pertencer à cultura nativa. Seria também bastante elucidativo o estudo destes graus de popularidade entre estas duas cerâmicas nos diversos castros conforme sofreram maior ou menor influência do processo da Romanização. Como a área de dispersão destes castros é grande, os mesmos entraram em contacto com os Romanos com intensidades diferentes. O ideal seria que no estudo dos diversos castros conseguíssemos o que, materializado, seria representado por duas pirâmides de bases inversas, isto é, a realização de estudos a partir do castro primitivo, com sua cultura indígena, sem sinais de romanização, que seria portanto representado pela base da primeira pirâmide; e os castros que sofreram mais intensa romanização, estariam, ou melhor, deveriam estar no vértice da segunda pirâmide em posição inversa da primeira. Portanto, quando se conseguisse determinar a base desta segunda pirâmide, deveríamos atingir o vértice da primeira, e então se localizaria o maior grau de romanização. Já existe uma quantidade razoavelmente grande de castros explorados não

só em Portugal, na região do Minho, mas em todo o NO. da Península Ibérica, o que permitirá um estudo amplo, de conjunto. Desde Martins Sarmento a Mário Cardozo e outros estudiosos portugueses e espanhóis, que se vem realizando estudos deste tipo de Sítio arqueológico.

A) A CERÂMICA QUANTO AOS TIPOS BÁSICOS

Ao observarmos o Gráfico 2, pode notar-se que os tipos correspondentes, isto, é *Aveleda-Fêbros*, *Ave-Taipas*, e *Vizela-Minho*, além do *Tâmega*, apresentam diferentes graus de popularidade. Nota-se, por exemplo, que, provavelmente por ocasião do contacto cultural lusitano-romano, o tipo *Aveleda*, inicialmente bastante pronunciado, perde rapidamente a sua popularidade no correspondente pós-contacto inicial, *Fêbros*. O tipo *Ave*, com menor importância do ponto de vista da popularidade do que o tipo *Aveleda*, apresenta um aumento sensível da sua aceitação traduzida no correspondente *Taipas*. Mais estáveis que os tipos anteriores são os tipos *Vizela-Minho*, que têm a sua popularidade aumentada, embora de maneira quase insignificante, na cerâmica torneada. O tipo *Tâmega*, torneado, chegou a ter certa importância neste complexo cerâmico. Entretanto só escavações estratigráficas poderiam precisar em que fase do contacto ela foi introduzida. Como também se poderia determinar quando ela passou a ser elaborada nos castros, pois sabe-se que se trata de uma cerâmica inicialmente intrusiva.

Se considerarmos agora os *Tipos básicos* das cerâmicas *modelada* e *torneada* independentemente, o que igualmente se pode observar no Gráfico 2, nota-se que, no caso da cerâmica *modelada*, com seus tipos básicos *Aveleda*, *Ave*, e *Vizela*, também esta possui, por sua vez, diferentes graus de popularidade. O tipo mais significativo, desta cerâmica *modelada*, é sem dúvida o tipo *Aveleda*. O tipo *Ave* é exactamente o tipo intermediário em popularidade, e está situado entre o *Aveleda* e o *Vizela*.

Com a cerâmica *torneada* nota-se uma variação de popularidade muito rápida entre os seus tipos. Existe uma grande variação percentual entre o tipo *Fêbros* e o tipo *Taipas*, enquanto que há um certo equilíbrio percen-

tual entre os *tipos Minho e Tâmega*, verificando-se por outro lado uma diferença sensível entre os *tipos Minho e Taipas*.

É possível que o *tipo Ave* se assemelhasse a um tipo preferido, isto é, que gozasse de grande prestígio, na cultura dos invasores. E, como esta possuía uma economia notavelmente mais forte que a dos Lusitanos, houve por consequência um incentivo por parte dos Romanos e uma maior valorização por parte dos Lusitanos deste tipo cerâmico, de modo que, na fase pós-contacto, o *tipo Taipas* teve assim grande preferência.

B) A CERÂMICA SIMPLES E A DECORADA

Outro aspecto de grande importância no estudo da cerâmica é a relação entre a cerâmica *simples* e a cerâmica *decorada*. Os diversos graus de popularidade entre estas duas modalidades poderão também conter um sentido cronológico. Portanto subsídios para o estudo das diversas modificações temporais-espaciais, que neste caso específico dos castros terá grande interesse.

Na cerâmica modelada deste Sítio, pode-se observar no Gráfico 3, que a maior percentagem é de cerâmica *simples*, chegando a atingir a taxa percentual de 82,7%, enquanto que a cerâmica *decorada* é representada apenas pela taxa percentual de 17,3%.

Com a cerâmica *torneada* pode-se observar que não existe uma diferença muito grande entre as taxas percentuais da *simples* (58%) e da *decorada* (42%). Entretanto, se for comparada a cerâmica *modelada* e a *torneada* conjuntamente, (*vide Gráfico 3*), nota-se que, com o surgimento da cerâmica *torneada* foi dada grande importância à cerâmica *decorada*, enquanto que a *simples* começou a perder bruscamente o prestígio de que gozava anteriormente. Note-se entretanto que esta variação pode ser devida apenas a uma colecta selectiva.

A técnica de decoração predominante neste complexo cerâmico é a incisa. Os motivos de decoração não foram estudados neste trabalho. As fotos 1 e 2 trazem alguns motivos de decoração, tanto da cerâmica *modelada* como da *torneada*.

Um aspecto interessante a ser observado é que quase todos os fragmentos dos diversos tipos, tanto da

cerâmica *modelada* quanto da *torneada*, apresentam na superfície uma quantidade relativamente grande de lamí-nulas de mica. Caso esta ocorrência tivesse sido proposi-tadamente feita com intenção decorativa, então prática-mente toda a cerâmica seria decorada. Ao que nos parece, trata-se do fenómeno da flutuação.

C) AS FORMAS CERÂMICAS

O conhecimento que temos de vasilhas inteiras da cerâmica proveniente de Briteiros é muito limitado. Foi em função dos fragmentos de bordas que se determinou a existência de 14 formas entre as cerâmicas *modelada* e *torneada*. Cada forma central ou principal possui normalmente várias possibilidades de variação (*vide Gráficos 5 e 6*).

A cerâmica *modelada*, que estudamos, possui funda-mentalmente 6 formas, que evidentemente variam dentro do mesmo padrão. Apresenta esta cerâmica as formas 2 a 7 inclusive. É o *tipo Vizela*, da cerâmica *modelada*, o mais pobre em formas, pois inclui apenas as formas 3 e 7. A forma 3 que também é frequente nos *tipos Aveleda* e *Ave*, aumenta gradativamente a sua popularidade, enquanto que a forma 7, que não se encontra no *tipo Aveleda*, decresce. Parecem ser bastante significativas as formas 3 e 7. As formas 2-4-6, só aparecem no *tipo Aveleda*, enquanto que a forma 5 aparece nos *tipos Aveleda* e *Ave*, desaparecendo no *tipo tipo Vizela*, (*vide Gráfico 7*).

A cerâmica *torneada* apresenta uma maior variedade de formas que a cerâmica *modelada*. Possui, esta cerâmica as formas: 1-2-3-5-7-8-9-10-11-12-13-14. É o *tipo Taipas* que contém uma maior variedade de formas, seguido do *tipo Minho*. O *tipo Tâmega* aparece apenas com três formas: 1-3-8. Os fragmentos do *tipo Fêbros* não forne-ceram bordas.

Neste complexo cerâmico, grande importância pos-suíam as formas 2-3-5-7. A medida que aumenta a popularidade da forma 3, diminui sensivelmente a das formas 2-5-7. As formas 8-9-10-11-12-13-14 só aparecem na cerâmica *torneada*, (*vide Gráfico 8*).

Este nosso trabalho não tem a pretensão de fornecer mais do que as primeiras pedras das pirâmides que deve-

rão ser construídas por arqueólogos portugueses, para que se obtenha uma sequência cronológico-cultural dos castros estabelecendo uma relação espaço-tempo. Esperamos pois, que dentro em breve se possam conseguir seriações cronológicas, resultantes do estudo de colecções obtidas estratigráficamente, para que se adquira uma visão mais completa da *Cultura castreja*.

QUADRO I

Cerâmica estudada segundo a técnica de manufactura.

TÉCNICA	Valor numérico	Valor %
MODELADA	227	54,8
TORNEADA	154	37,1
SEM CLASSIFICAR	34	8,1
Total	415	100,0

QUADRO II

Cerâmica modelada

TIPOS BÁSICOS	Valor numérico	Valor %
AVELEDA	103	45,7
AVE	89	38,9
VIZELA	35	15,4
Total	227	100,0

QUADRO III

Cerâmica torneada

TIPOS BÁSICOS	Valor numérico	Valor %
FÉBROS	7	4,7
TAIPAS	82	52,3
MINHO	31	20,4
TÂMEGA	32	21,4
SEM CLASSIFICAR	2	1,2
Total	154	100,0

QUADRO IV

Cerâmica modelada

SIMPLES			DECORADA	
TIPOS BÁSICOS	Valor numérico	Valor %	Valor numérico	Valor %
AVELEDA	71	31,2	32	13,0
AVE	80	36,6	9	3,9
VIZELA	34	14,9	1	0,4
Total	185	82,7	42	17,3

QUADRO V

Cerâmica torneada

SIMPLES			DECORADA	
TIPOS BÁSICOS	Valor numérico	Valor %	Valor numérico	Valor %
FÊBROS	7	4,7	—	—
TAIPAS	58	37,0	24	15,8
MINHO	25	16,3	6	4,0
TÂMIGA	—		32	22,2
Total	90	58,0	62	42,0

QUADRO VI
Cerâmica modelada

TIPOS BÁSICOS	FORMAS											
	2		3		4		5		6		7	
	V. N.	V. P.	V. N.	V. P.	V. N.	V. P.	V. N.	V. P.	V. N.	V. P.	V. N.	V. P.
AVELEDA	2	11,6 %	1	5,8 %	2	11,6 %	1	5,8 %	1	5,8 %		
AVE			1	5,8 %							4	24,6 %
VIZELA			3	17,4 %			1	5,8 %			1	5,8 %
Total	2	11,6 %	5	29,0 %	2	11,6 %	2	11,6 %	1	5,8 %	5	30,4 %

QUADRO VII

Cerâmica torneada

TIPOS BÁSICOS	FORMAS																											
	1		2		3		4		5		6		7		8		9		10		11		12		13		14	
	V. N.	V. P.	V. N.	V. P.	V. N.	V. P.	V. N.	V. P.	V. N.	V. P.	V. N.	V. P.	V. N.	V. P.	V. N.	V. P.	V. N.	V. P.	V. N.	V. P.	V. N.	V. P.	V. N.	V. P.	V. N.	V. P.	V. N.	V. P.
FÉBROS	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
TAIPAS			2	5,6	5	14,0			2	5,6					1	2,8			1	2,8	1	2,8	1	2,8	1	2,8	1	2,8
MINHO			1	2,8	3	8,2	—	—	1	2,8	—	—	3	8,2	—	—	1	2,8	1	2,8	—	—	1	2,8	—	—	1	2,8
TÂMEGA	2	5,6	—	—	4	11,0	—	—	—	—	—	—	—	3	8,2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Total	2	5,6	3	8,4	12	33,2	—	—	3	8,4	—	—	3	8,2	4	11,0	1	2,8	2	5,6	1	2,8	2	5,6	1	2,8	2	5,6

GRÁFICO 1

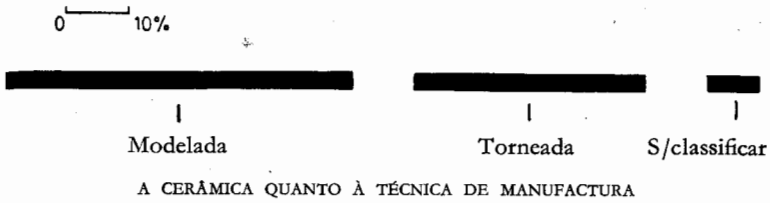


GRÁFICO 2

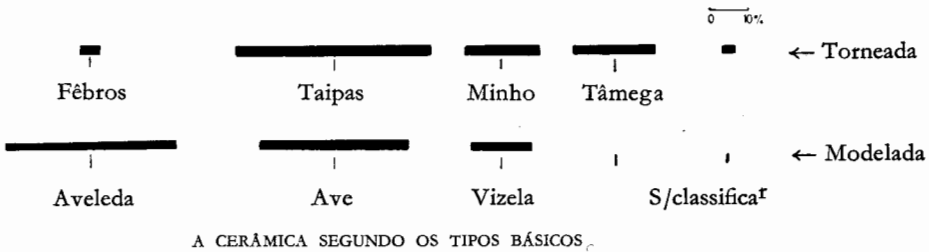


GRÁFICO 3



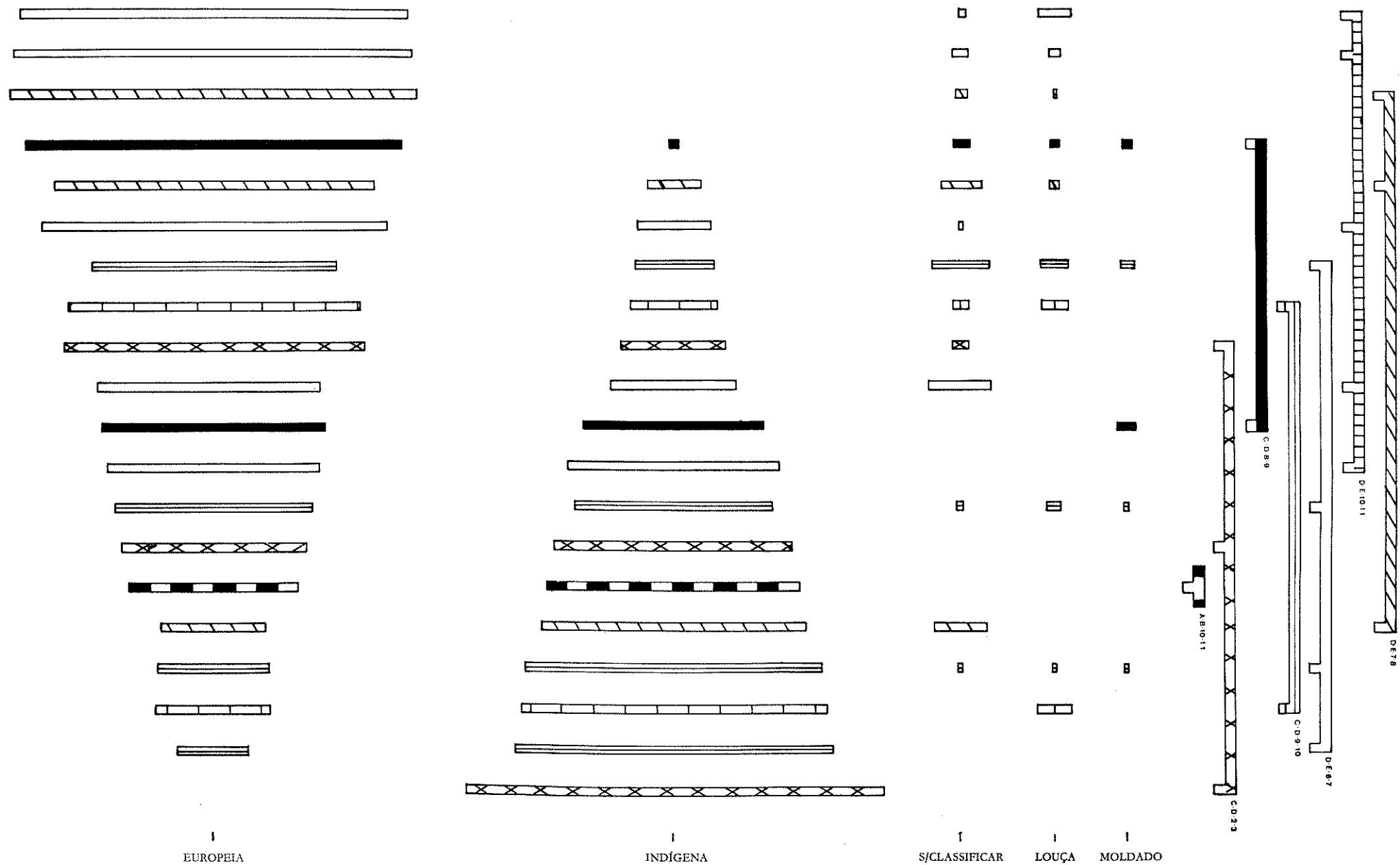
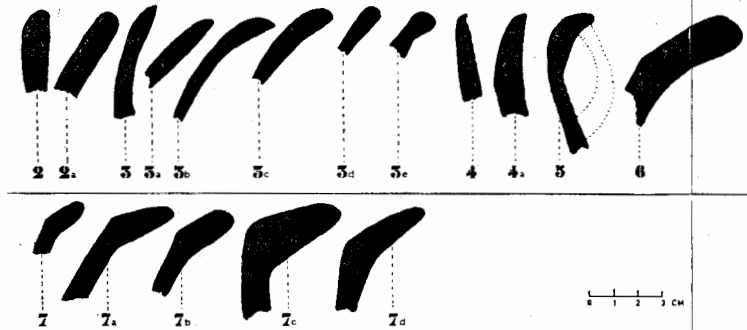


GRÁFICO 4

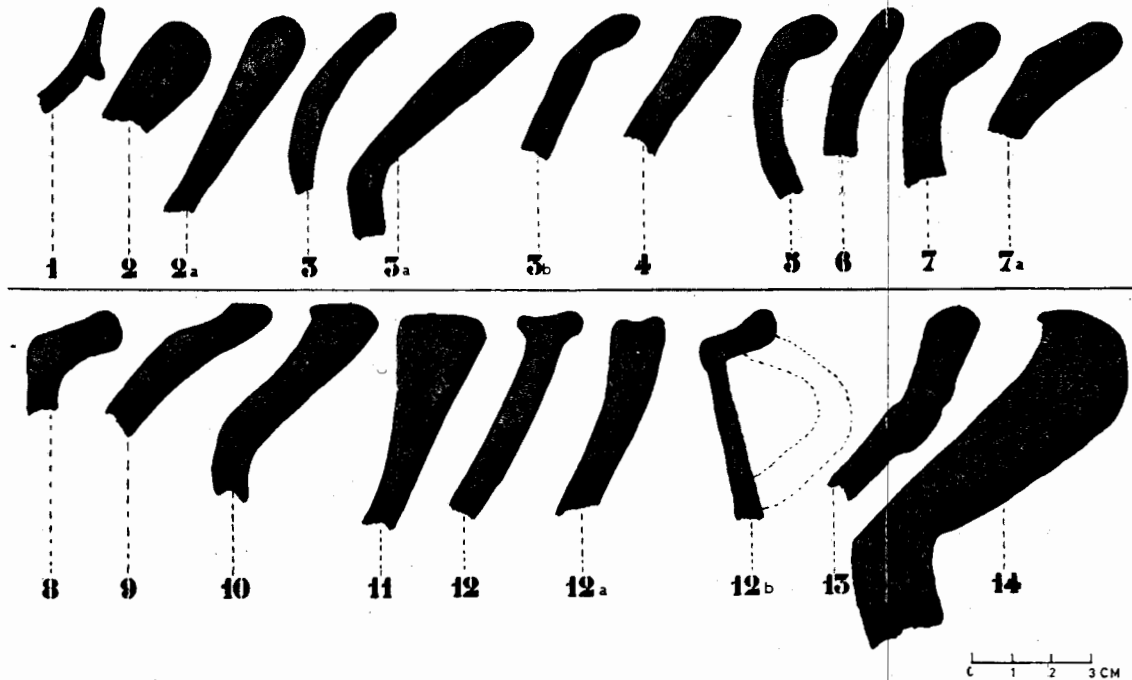
As diversas etapas do contacto euro-indígena no Sítio PE 13-Ln (Feitoria de Cristovão Jaques).
 Contacto entre portugueses e indígenas do Grupo Tupiguarani, Fase Itapacurá.

GRÁFICO 5



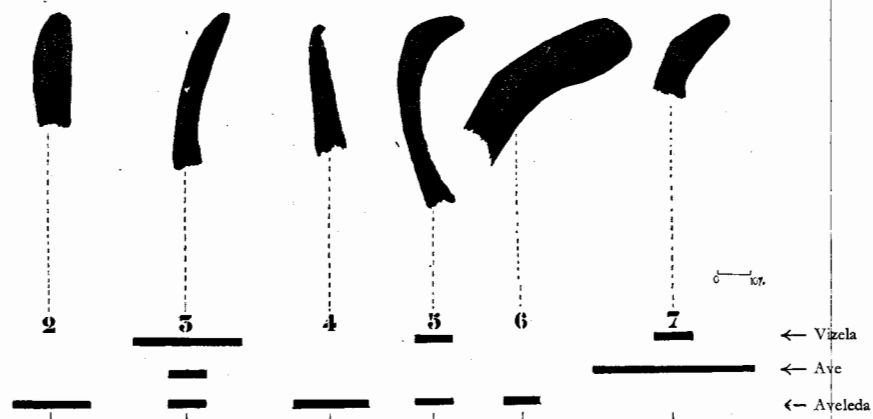
VARIAÇÕES DE BORDAS DE CERÂMICA MODELADA INCLUINDO OS TRÊS TIPOS BÁSICOS *AVELEDA*, *AVE*, *VIZELA*.

GRÁFICO 6



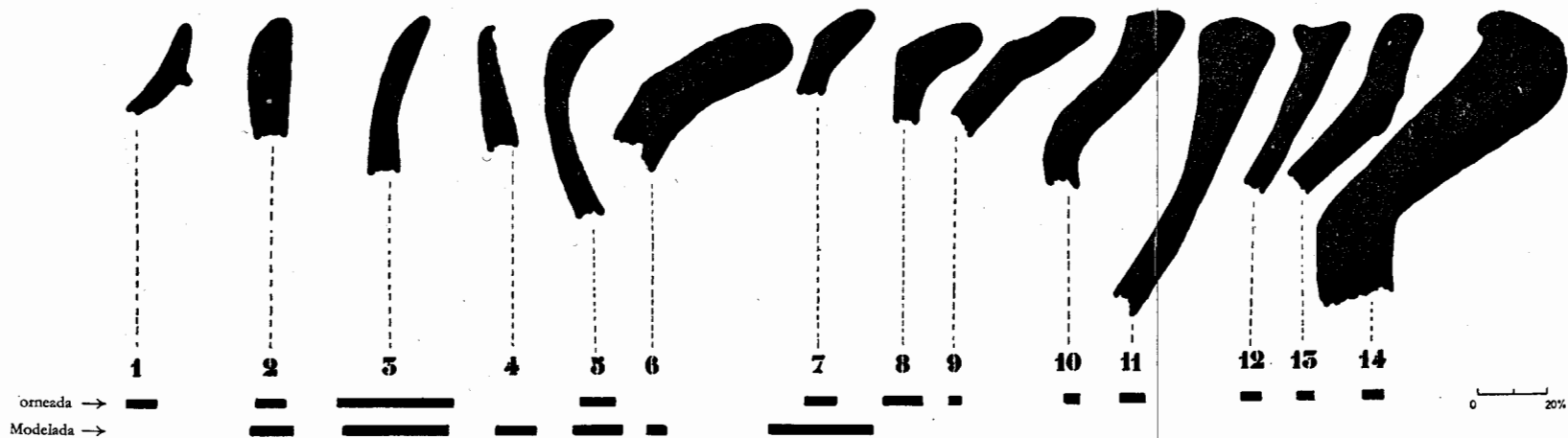
VARIAÇÕES DE BORDAS DE CERÂMICA TORNEADA, INCLUINDO OS QUATRO TIPOS BÁSICOS, *FÉBROS*, *TAIPAS*, *MINHO*, *TÁMEGA*.

GRÁFICO 7



FORMAS DA CERÂMICA MODELADA SEGUNDO OS TIPOS BÁSICOS.

GRÁFICO 8



FORMAS DA CERÂMICA DE BRITEIROS

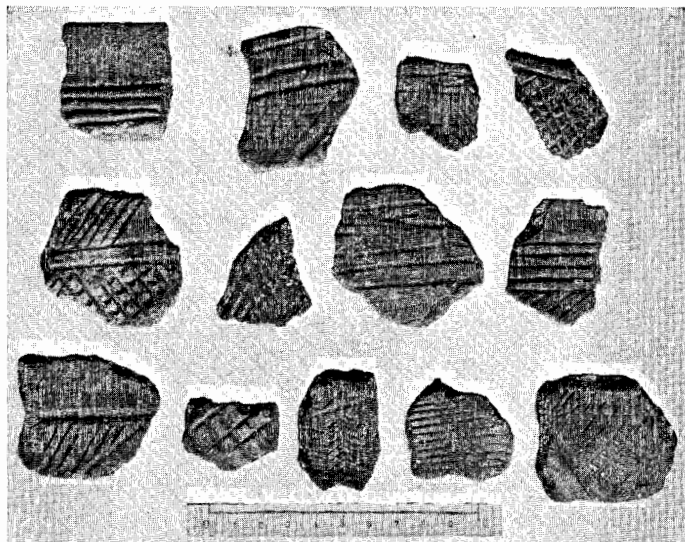


Fig. 1 — *Motivos da decoração da cerâmica modelada da Citânia de Briteiros.*

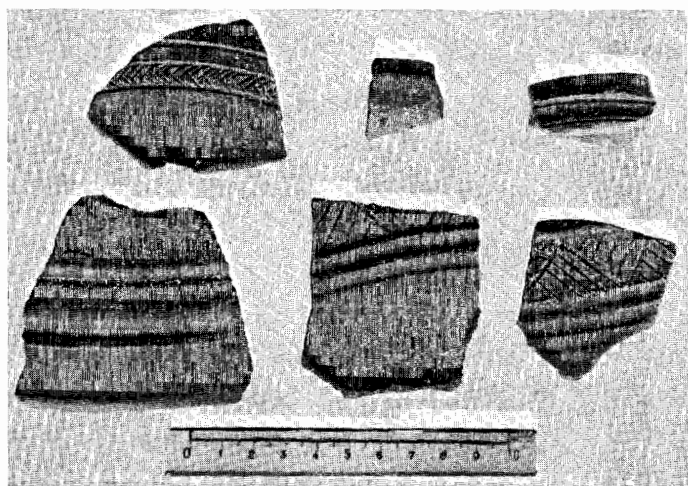


Fig. 2 — *Motivos da decoração da cerâmica torneada da Citânia de Briteiros*